



ENTREVISTA

**GLECY COUTINHO: A
PRIMEIRA JORNALISTA
PROFISSIONAL CAPIXABA**

Mônica Boiteux

Ilustrações, curadoria e projetos culturais.



Nascida em 1934, Gleyce Helena Coutinho da Silva é jornalista, escritora, pesquisadora, atriz, cineasta, professora, ex-diretora do Departamento Estadual de Cultura - DEC e ex-secretária de cultura e turismo do município de João Neiva. Também foi autora em parceria com Agostino Lázzaro e Cilmar Franceschetto do livro *Lembranças Camponesas: a tradição oral dos descendentes italianos em Venda Nova do Imigrante*.

Mônica Boiteux: Qual sua data de nascimento? Onde você nasceu?

Gleyce Coutinho: Eu nasci no dia 13 de fevereiro de 1934, em Aimorés, Minas Gerais. Depois, mudamos para Timbuí, município de Fundão. Em 1940, aos seis anos de idade, fui morar com a minha família na cidade de João Neiva, no Espírito Santo. Sou viúva e tenho três filhos: Layla, Ludmila, Marco Antônio e também cinco netos: Marcelo, Layla, Nastácia, Pedro, Sara e Ermínia.

Mônica Boiteux: Qual o nome dos seus pais?

Gleyce Coutinho: Meus pais se chamavam Aristeu Coutinho e Ermínia Avancini.

Mônica Boiteux: Que fatos da sua vida a levaram a se interessar pela cultura?

Gleyce Coutinho: Entrei no colégio em 1941, no grupo escolar “Barão de Monjardim”. Em João Neiva havia outra escola primária, o liceu “Pedro Nolasco”. A diretora, dona Hilda Brito, montava muitas peças de teatro com os alunos. Eu assistia, adorava e sempre pensava: “um dia ainda entro nesse teatro”. Além disso, o liceu foi a escola mais democrática que já conheci. Durante o dia funcionava como escola e a noite como clube, sob a supervisão dos operários do sindicato dos ferroviários. Os rapazes encostavam as carteiras nas paredes do salão e colocavam discos. As moças e rapazes dançavam ou jogavam ping-pong na varanda, com os olhares vigilantes das mães, sentadas nas carteiras.

Havia ainda uma pequena biblioteca e as crianças liam livros de histórias infantis. A minha história preferida era “Rouxinol de Cachos: menina cantora pelas ruas de Paris em meio à Revolução Francesa”. O jogo de damas também era uma atividade bastante apreciada. Havia ainda os que preferiam correr pelo jardim. Aos sábados, a música era ao vivo. Começava após o cinema, cujo filme terminava às 20 horas.

Mônica Boiteux: Quando você veio para Vitória? Sempre morou nesta casa?

Gleyce Coutinho: Vim definitivamente para Vitória quando me casei, em 1959. Em 1963 fiquei viúva, voltei para a casa dos meus pais, que já moravam em Cariacica-sede, onde residi por quase 50 anos. Sou Cidadã Cariaciquense.

Mônica Boiteux: Fale um pouco sobre a matéria do caso “Argola”.

Gleyce Coutinho: A reportagem do Jornal A Gazeta, “Campo de concentração de menores no Espírito Santo”, foi conhecida como “Caso Argolas”, pelo fato dos primeiros boatos sobre o assunto terem saído da “Delegacia do Menor em Argolas”, em Vila Velha. Nessa época, ainda não havia o Estatuto da Criança e do Adolescente. O jornalista Nilo Martins, editor-chefe de A Gazeta, partindo da premissa de que “onde há fumaça, há fogo”, pautou uma ampla matéria sobre o assunto e destacou os jornalistas do Caderno Dois: Amylton de Almeida, Gleyce Coutinho e Lígia Monteiro. Dependendo da evolução do trabalho, ele daria

15 dias para concluir a reportagem e três páginas de jornal a esse grupo de jovens cineastas capixabas. Na época, foi rodado um filme de Sérgio Medeiros baseado na matéria, cujo título foi “Sinais de Fascismo”. Participou da obra, o aluno da primeira turma do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Kojak.

Mônica Boiteux: Como foi ser a primeira jornalista mulher da Gazeta? Havia algum tipo de preconceito?

Gleyce Coutinho: Nunca fiz nada na minha vida pensando em ser pioneira. A gente não sai de casa de manhã pensando assim: “hoje serei a primeira mulher a ser contratada pelo jornal A Gazeta”. Nessa época, meu único pensamento era: “Meu Deus, eu preciso dar um jeito na minha vida”. Meu pai tinha uma vendinha, como dizia o povo... Vendia o almoço para comer a janta. Com a minha volta para casa, a família passou para dez pessoas. Cheguei com três crianças e meu salário de professora, de 600 cruzeiros. Minha tia e sua amiga, dona Estrelinha, foram me visitar. Tia Mimi falou: “Não fique assim não. Você é nova, bonita, se casa de novo!”. “Não”, disse dona Estrelinha: “Não faça isso minha filha: boi solto, se lambe todo!”.

Houve um censo escolar no estado, a tabulação seria realizada no Grupo Escolar Padre Anchieta, que era uma escola famosa em Vitória. O cronista capixaba do “Jornal do Brasil”, José Carlos Oliveira, foi aluno do colégio e volta e meia, em suas crônicas, recordava fatos ocorridos na velha escola. Minha madrinha, Elisabeth V. Botéchia, professora da escola, me chamou para participar. O Grupo Escolar Padre Anchieta era um belo prédio amarelo, imponente, situado em Jucutuquara, em frente à “Fábrica de Juta”, hoje “Fábrica de Ideias”. Ele foi demolido para dar passagem à segunda pista da Avenida Vitória, na administração de Chrisógono Teixeira da Cruz.

Quando as professoras de várias escolas se juntavam na hora do recreio, só se ouvia: “Estamos ganhando muito mal, ganhamos menos que a polícia.” Outra dizia: “Deviam pelo menos equiparar nossos vencimentos aos deles.” “Alguém poderia falar me-

Recentemente, fui procurada por umas jovens, dizendo que pesquisavam A Tribuna e A Gazeta e essa foi a única matéria mais antiga que encontraram sobre o feminicídio. Querem fazer um filme com o título: “Quem se importa com elas?”

lhor por nós, o marido dela é coronel da polícia!” Osalina falou... Outra dizia: “Antigamente, professora ganhava tão bem, que na rua diziam: Lá vai o marido da professora. Hoje os vencimentos não dão nem para manter uma casa, quanto mais marido”. Sempre ouvindo as queixas delas, um dia fui almoçar com minha madrinha e falei: “Estou pensando em escrever sobre a situação do magistério. As professoras estão indignadas com os baixos salários”.

Quando voltamos, escrevi, e no recreio a crônica passou de mão em mão até chegar a D. Adelaide, a diretora. Ela me disse: “Li sua crônica e gostei, na saída vamos até A Gazeta, vou apresentá-la ao jornalista Willis Machado, que é nosso ex-aluno”. Fomos... Ela me apresentou, ficamos conversando no corredor, daí a pouco chegou um senhor e Willis falou: “Professora, quero lhe apresentar o novo diretor de A Gazeta, General Darcy Pacheco Queiroz”. Ele muito entusiasmado e falante disse que estava com grandes ideias para o jornal, “li suas crônicas”, falou: “estou pensando



Acervo pessoal.

em fazer dois suplementos para A Gazeta: um infantil e outro literário, já esbocei algumas coisas. Vamos lá em minha sala, quero pedir opinião de vocês”.

Lá, ele mostrou os esboços: “Esse é o que pretendo fazer primeiro: o suplemento infantil, e vai se chamar, A Gazetinha”. “Que ótimo”, falei: “Existe A Folhinha, da Folha de São Paulo, e agora, A Gazetinha, de A Gazeta”. “Isso mesmo”. Ele me falou: “Isso aqui são as cartinhas que as crianças vão escrever”. Sem querer me intrometer, falei: “É bom pedir que mandem desenhos. Assim as crianças que não sabem ler, também podem participar. E os pais vão ficar maravilhados”. “Ótimo!”, ele falou, “vou anotar aqui para não esquecer” e acrescentou: “Você não quer trabalhar comigo nesse projeto?”, “Quero sim”, respondi. “Então amanhã, esteja aqui nesse mesmo horário. Hoje é terça-feira, A Gazetinha já vai poder circular pela primeira vez no sábado próxi-

mo”. Saí de lá nas nuvens! Entrei e fiquei, não pelo salário, mas pela oportunidade de mostrar meu trabalho, em um grande jornal como A Gazeta.

Desde o começo A Gazetinha foi um sucesso. Saía aos sábados e a tiragem do jornal só aumentava. Logo, a criançada começou a participar do “Nós, os artistas”, miniclube de A Gazetinha. Quando os circos chegavam, sorteávamos entradas para as crianças do miniclube. Consegui na churrascaria Cimarron, de um amigo, Jorge Calil, no local onde atualmente é o posto de gasolina na esquina da Leitão da Silva com Av. César Hilal, almoço para a criança sorteada e os pais.

A Gazetinha ia de vento em popa... O primeiro aniversário foi comemorado com apresentação da peça de teatro “João e Maria”, no auditório da Escola Técnica, em Jucutuquara, pelo grupo de Teatro Praça Oito, em abril de 1965. O segundo aniversário foi comemorado com uma grande festa no Clube Vitória. O grupo musical do “Klinginho”, com todos os músicos adolescentes, animou a festa. Crianças, pré-adolescentes, mães e pais dançavam, cantavam e se divertiam. No final tocaram “Tema de Lara”, sucesso do momento, trilha sonora do filme “Doutor Jivago”. Colocou todo mundo para dançar... A seguir, o “Parabéns A Gazetinha” foi entoado. Neste momento, duas crianças conduzindo um carrinho com um enorme bolo entraram no salão. A criançada foi ao delírio! Foi maravilhoso!

Fiquei muito tempo em A Gazetinha, sei que fiz um bom trabalho. Sou e sempre serei grata ao general Darcy Pacheco Queiroz, pela grande oportunidade que mudou minha vida. Maria Figueira ficou em meu lugar e assumiu A Gazetinha com muita competência.

O jornalista Nilo Martins assumiu como editor-chefe de A Gazeta, no lugar de Paulo Torre, que faleceu, e me transferiu para o Caderno Dois. O editor, Erildo dos Anjos, foi logo me dizendo: “Aqui não é A Gazetinha não, hein!” Quantas páginas por semana... Só um jornalista tarimbado, para dizer o que são quatro páginas de jornal por semana... E não era um jornal do tamanho de A Tribuna de hoje não, era um jornal igual ao Globo, Folha de São Paulo...

Quando tive que fazer a página “Mulher”, combinei com meu editor: “Só entrevisto mulher que estiver fazendo alguma coisa de útil. Não importa que seja da Praia do Canto ou Porto de Santana”. Ele topou... A primeira mulher que entrevistei foi Maria Helena, esposa do médico Denis Otoni. Ela estava inaugurando a primeira farmácia de manipulação na Rua do Rosário, em Vitória.

Com esse viés “Mulher”, conheci muitas mulheres incríveis. Tanto da cidade como da periferia. Pesquisei em A Gazeta e em A Tribuna quantas mulheres tinham sido assassinadas de 8 de maio de 1982 até a mesma data de 1983, só os chamados “crimes da paixão”. Nessa época, ainda não era usado o vocábulo “feminicídio”. Foram 36 mulheres no prazo de um ano.

Agradeço a Paulo Maia que muito me ajudou, conseguindo fotos 3X4, daquelas que sempre, nesses casos, são publicadas com a notícia. Redigi o texto sobre o assunto, o Dr. João Batista Herkenhof deu um depoimento, pesquisei nos jornais as biografias das vítimas e coloquei o título: “Dia Internacional da Mulher: Quem se importa com elas?” A matéria ficou maravilhosa!

Foi a última reportagem que fiz no Caderno Dois de A Gazeta. Muito triste, pois o jornalismo foi a profissão que eu ame! Pedi demissão e assumi a direção do Departamento Estadual de Cultura (DEC), hoje Secretaria de Estado da Cultura (SECULT), no governo de Gerson Camata.

Em 1976, Plínio Marchini, que seria diretor comercial da TV, me convidou para trabalhar na TV Gazeta, aceitei e tirei quatro anos de licença da Secretaria de Educação, sem os vencimentos, e fiquei quatro anos na TV. A última reportagem que fiz foi a posse do governador Eurico Rezende, na Assembleia Legislativa.

Em 1981, terminava a licença do Estado, pensei em pedir demissão para continuar na TV Gazeta, quando recebi o recado de Carlos Fernando de Andrade, falando: “Glecy, o que eu vou te falar é um recado, você precisa manejar suas reportagens na TV. Fiquei pensando... O que você está pensando?” Ele perguntou. “Estou pensando o que Carmélia Maria

“*Todos gostaram, aplaudiram muito e apresentamos “Navalha na carne”, de Plínio Marcos, mais duas vezes. Conseguimos romper a censura! Por incrível que pareça, por imposição de um coronel do Exército.”*”

de Souza, nossa cronista preferida, diria: ‘Pra quem sabe ler, meia porrada basta!’”. Foi um soco na boca do estômago, porém estava com meus dois diplomas em mãos, o da Faesa, do curso de Administração e o da Ufes, de Comunicação Social, assim continuei minha vida... Um tempo depois fui convidada para lecionar na Ufes, no curso de Comunicação Social, onde fiquei por 12 anos, até me aposentar.

Recentemente, fui procurada por umas jovens, dizendo que pesquisavam A Tribuna e A Gazeta e essa foi a única matéria mais antiga que encontraram sobre o feminicídio. Querem fazer um filme com o título: “Quem se importa com elas?”.

Mônica Boiteux: *Quem eram seus amigos da época do Jornalismo?*

Glecy Coutinho: Como trabalhei em jornal, rádio e TV, fiz amigos nesses três meios de comunicação. Na época que fazia A Gazetinha, produzi e apresentei programas infantis e nas rádios Vitória e Capixaba, que pertenciam à Igreja Católica.

“A cena de Vitória era de efervescência cultural, vivemos o final da ditadura, a chegada dos exilados e a música e as artes refletiam tudo que estava acontecendo no país. Havia uma grande interação entre as artes. Vitória era uma praça cultural muito disputada.”

Na Rede Gazeta de Comunicações atuei por 20 anos, sendo quatro na TV Gazeta e o restante no jornal. Sempre como repórter... Na Rádio Capixaba aconteceu um episódio interessante, se não fosse tão sério. Certa noite de dezembro, estávamos gravando o Especial de Natal, no horário da “Voz do Brasil”. Estávamos no estúdio, todos a postos. Luz vermelha acesa para ninguém entrar. O Nilson Cabeleira estava na cabine e eu ao microfone; na contrarregra um adolescente esperto, que Gerson Camata apelidou de “Chuvisco”, quando trabalharam juntos no programa “Ronda da Cidade”, na Rádio Vitória.

Esse adolescente era Nilton Gomes, que se elegeu deputado estadual e mais tarde candidatou-se a prefeito de Vitória e deu muito trabalho aos concorrentes. De repente, entra no estúdio um seminarista, branco como vela, mão tremendo, nervoso, tentando falar baixo: “Apaga as luzes, apaga tudo!

Desliga tudo”. Ele tremia, até que conseguiu falar: “Lá têm dois jipes, cheios de soldados, mandaram tirar a rádio do ar. Querem levar todo mundo para o BC, em Vila Velha. Dom Luiz Gonzaga, o bispo, está conversando com o tenente, vendo se ele leva só Agenor Roriz, o diretor”. Sentamos e respiramos. Chuvisco levantou, suspendeu a ponta da cortina e falou: “só vejo ponta de baioneta”.

Daí a pouco chega um padre e tentamos nos acalmar e diminuir a tensão de quase uma hora de espera. Agenor Roriz foi com o tenente dar explicações. Ouvimos um bravo, politizado e excelente sermão de Dom Luiz Gonzaga Fernandes, bispo auxiliar de Vitória. O motivo é que havia sido editado o AI-5, Ato Institucional número 5, e não havia mais garantias no país.

Meus amigos da época do jornalismo eram Esdras Leonor, Jackson Lima, Willis Machado, Darly Santos, Edgar Feitosa, Marien Calixte, Chico Flores, Jackson Jank, Rogério Medeiros, Hélio Dórea, José Carlos Corra, Rosental Calmon, José Costa, José Irmo Goring, Clodomir Bertoldi, Alípio César, Luiz Palma Lima, Namy Chuquer, Wladimir Godog, Luiz Malta, Marisa Sapaio, Maura Fraga, Maura Miranda, Mariangelo Pelerano, Marcelo Amorim, Rubens Gomes, Mirian Leitão, Paulo Maia, Cacau Monjardim, Nilo Martins, Vitor Martins, Duarte Júnior, Castelo Mendonça, Marílio Cabral, Amylton de Almeida, Xerxes Gusmão Neto, Plínio Marchini, Joelson Fernandes, Antônio Alaerte, Cláudio Bueno Rocha, Sérgio Egito, Antônio Mendes Americano, Luiz Trevisan, Enock Borges, Ruy Crespo, Ruy Monte, Carminha Correa, Jeane Belich, Joaquim Nery, Nilo Mingo, Maurício Correia, Pardal, Abdo Chequer, Álvaro José da Silva, Antônio Augusto Roseta, Marcos Alencar, Álvaro José da Silva, Carmélia Maria de Souza.

Mônica Boiteux: *Frequentou o Bar Britz?*

Glecy Coutinho: Não fui frequentadora do Britz. Aparecia por lá algumas vezes. Tinha três filhos bem pequenos e lecionava História no Ginásio São João Batista, de Cariacica, três vezes por semana. Aliás, além de



Acervo pessoal.

mim, só outra jornalista não frequentava o Britz, Maria Nilce. Pelo mesmo motivo, tinha filhos pequenos.

Mônica Boiteux: *Você era atriz no grupo de teatro Praça Oito?*

Glecy Coutinho: Entrei como atriz no grupo de teatro Praça Oito, por acaso. O suplemento infantil do jornal A Gazeta, A Gazetinha, estava comemorando um ano. Por sugestão do jornalista Xerxes Gusmão Neto, o grupo de teatro Praça Oito se apresentaria para as crianças no auditório da Escola Técnica de Jucutuquara, com a peça “João e Maria”, no dia 17 de abril de 1965. Os colonistas dos jornais A Gazeta e O Diário estavam divulgando e também as emissoras de rádio. As crianças escreviam animadas e garantiam que lá estariam.

Faltando menos de 15 dias para o evento, ligaram dizendo que a intérprete da fada adoecera e que não poderia comparecer. À tarde, quando cheguei ao jornal, recebi o seguinte recado: “O general falou que o diretor da peça ligou, pedindo para você compare-

cer ao ensaio hoje, às 19 horas, na Escola Técnica, em Jucutuquara”. Quando cheguei, Gerson Von Rondow, diretor do grupo, me disse que ligara para o jornal e o general atendeu e disse que não se preocupasse, que eu a substituiria, pois já havia feito teatro em João Neiva. Aí comecei a ensaiar meu papel de fada e acabei me tornando atriz do Praça Oito.

A Gazetinha não existe mais, A Gazeta agora é semanal, o Grupo de Teatro Praça Oito acabou, eu não sou mais atriz e a Escola Técnica de Jucutuquara se tornou Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). A Peça de teatro foi um grande sucesso!

Nos anos 1960, o Theatro Carlos Gomes estava completamente deteriorado, mesmo assim conseguimos fazer duas peças: “Procura-se uma rosa”, de Vinícius de Moraes e “Roleta Paulista”, de Pedro Block. Em Domingos Martins apresentamos “Procura-se uma rosa” e “João e Maria”. A peça “Bonito como um Deus”, de Millôr Fernandes, nós apresentamos no auditório do São Vicente de Paula, ao lado da Cate-

dral de Vitória, com direção de Gerson Von Rondow e elenco com Guilherme Carneiro e Gleycy Coutinho.

Na escola Técnica de Jucutuquara, apresentamos: “Navalha na carne”, de Plínio de Marcos, com direção de Gerson Von Rondow. No elenco estavam Gleycy Coutinho, Manoel Vieira e Luiz Denadai. Foram duas apresentações com a casa lotada, a maioria universitários. Havia até gente sentada no chão! No cine Dom Marcos, em Vila Velha, apresentamos “Mulher Zero Quilômetro”.

O elenco da “Praça Oito” era Gerson Von Rondow, diretor e autor; Manoel Vieira, Aninha Von Rondow, Lena Mara Nunes, Petrúcio Ramalho, Gleycy Coutinho e Guilherme Carneiro. Participei de todas as peças do “Praça Oito”, inclusive as infantis.

“Navalha na carne”, de Plínio Marcos, foi montada por nós em 1968, na mesma época que no Rio de Janeiro e São Paulo. No Rio, a personagem Neuza Sueli foi interpretada por Tônia Carreiro; em São Paulo, Rutineia de Moraes e aqui em Vitória, Gleycy Coutinho.

A peça foi considerada pornográfica, os personagens são um gay, um cafetão e uma prostituta. Naquele tempo em que “merda” era um palavrão, a censura proibiu, porque segundo ela era um atentado contra a moral, bons costumes e a religião da família brasileira.

Mônica Boiteux: *O que sucedeu?*

Gleycy Coutinho: Um acontecimento insólito veio mudar a realidade: um congresso de ex-combatentes. Marlene, esposa de Manoel Vieira, um dos atores do “Praça Oito”, participara da organização do congresso. Corria tudo muito bem, até que na manhã do segundo dia compareceu no escritório da organização um militar uniformizado, cheinho de medalhas e falou: “Vocês me desculpem, mas que cidade é essa? Não tem um filme que preste nos cinemas, uma exposição de arte, um show? Nessa cidade não tem nada?” Marlene, aproveitando a deixa, respondeu: “Senhor...” Olhou bem as medalhas... “Capitão?”. “Não, coronel”, disse o senhor. “Me desculpa coronel”, disse Marlene, “mas meu marido participa de um

grupo de teatro e eles têm uma peça prontinha, estavam apresentando, mas a censura proibiu, por esse motivo a peça não está mais em cartaz”.

“O quê?” retrucou o coronel, balançando as medalhas. “Essas medalhas aqui”, e balançava, “eu não ganhei atrás de mesa ou jogando sinuca não! Ganhei na guerra, nos campos de batalha, na Itália! Senhorita, diga a seu marido para avisar ao pessoal que amanhã vai ter espetáculo e depois de amanhã também. Vou pegar um táxi agora, vou direto para a Polícia Federal! Minha jovem, ligue por favor, para a polícia federal”, “Alguém atendeu”, falou a recepcionista. “Diga que quem está falando aqui é um herói de guerra! Que me aguarde!”. Só sei que voltamos a apresentar a peça por duas noites, no auditório da Escola Normal Pedro II, hoje Maria Ortiz.

Todos gostaram, aplaudiram muito e apresentamos “Navalha na carne”, de Plínio Marcos, mais duas vezes. Conseguimos romper a censura! Por incrível que pareça, por imposição de um coronel do Exército.

Sobre o Theatro Carlos Gomes, em 1969 estávamos no governo de Christiano Dias Lopes. O grupo de teatro de Paulo Autran veio a Vitória com a peça de Millôr Fernandes, “Liberdade! Liberdade!”. O elenco era Tereza Rachel, Paulo Autran, Jairo Arco e Flecha e Luiza Maranhão, com direção de Flávio Rangel. No final, o ator Paulo Autran fez um discurso memorável, dizendo como que o Espírito Santo, com uma das capitais mais antigas do Brasil, um Estado onde o teatro brasileiro começou com o padre José de Anchieta, era capaz de deixar um teatro da qualidade e beleza do Carlos Gomes ficar em uma situação daquelas.

O resultado é que o então governador moveu céus e terras e conseguiu recursos para restaurar o Carlos Gomes. Mais tarde, no governo de Artur Gerhardt, Paulo Autran voltou a Vitória, dessa vez com a peça de Pirandello, “Assim é se lhe parece”, também sob a direção de Flávio Rangel, com um grande elenco. Na peça entraria uma atriz capixaba. Às vésperas da estreia começaram a ensaiar com a atriz que faria o papel de senhora Ponza, D. Lenira Borges.

Na véspera houve uma reunião de Paulo Autran com os atores capixabas e eu estava lá. Quando terminou a reunião ele me chamou. “Preciso conversar com você. Quando estive aqui com ‘Liberdade! Liberdade!’, na reunião que fez, não foi você que falou que fazia teatro amador?”, “Fui eu sim”, disse... “Então vamos conversar com uma pessoa!” Fomos... Era Flávio Rangel, Paulo me apresentou e Flávio disse que precisava de uma atriz para a fazer a senhora Ponza. “Você pode fazer?” Eu respondi: “mas vocês são profissionais e eu sou amadora, é um elenco enorme eu só conheço você e Hélio Ary, nem sequer assisti ao ensaio, é muita reponsabilidade para mim!”, “Eu ensaio você”, disse Paulo, “é minha responsabilidade também”, acrescentou. “Vamos ensaiar agora, vamos almoçar e a tarde tem ensaio e quero você aqui”.

Sei que foi um sufoco, tanto para mim, quanto para o pessoal do Carlos Gomes, que precisava colocar meu nome sobre o nome de D. Lenira Borges em todos os convites da peça. O papel de Senhora Ponza era pequeno, mas muito importante. Toda a peça gira em torno dela. Cada personagem fala algo a respeito da Senhora Ponza, mas só na cena final ela aparece para esclarecer a questão. Recebi flores do Governo do Estado por intermédio da filha do governador e do chefe do cerimonial do Governo, Carlinhos Vacari. O governador recebeu todo o elenco da peça com um almoço no domingo, no late Clube.

Mônica Boiteux: *Como foi sua entrada para o cinema?*

Gleycy Coutinho: Sempre gostei de cinema, minha mãe tinha umas revistas “Scena muda”, que ela escondia como se fosse ouro. Volta e meia ela pegava essas revistas e contava histórias dos filmes que ela assistia quando solteira. Quando criança eu ia ao cinema com a vizinha e o namorado dela, Nenê e Siliinho, eu não pagava ingresso, eu era o álibi dela para o pai muito bravo. O cinema de João Neiva era o “Cine Teatro Luminoso”. Nos anos 80, já no Caderno Dois do jornal A Gazeta, fui a Guarapari onde estava sendo rodado o longa do diretor Iberê Cavalcanti,

“Se o tempo permitir, pretendo escrever um livro sobre meu tempo de internato, na Escola Normal Maria Mattos, em Anchieta, nos anos 1940 e 1950; correr atrás de minhas crônicas em A Gazeta e continuar escrevendo, lendo enquanto puder!”

“Corpo a Corpo - Todos os Sonhos do Mundo”, premiado como melhor filme no Festival de Cinema do Rio de Janeiro, em 1984. Fiz amizades, voltei várias vezes e acabei participando como atriz. Quando retornaram para filmagens, em uma fazenda no interior de Niterói, fui continuísta dessa segunda parte do filme.

Mônica Boiteux: *Participou de quais filmes capixabas?*

Gleycy Coutinho: Em “O fantasma da Mulher Algodão”, de Margarete Taqueti, fui continuísta. Em “Eu sou Buck Jones”, atuei no roteiro e direção, com produção de Margarete Taqueti. Em “Relicário de um povo”, também de Margarete Taqueti, fui produtora. Em “Festa na Sombra”, fui diretora, junto com Margarete Taqueti. Em “A Passageira”, fui roteirista e diretora com Margarete Taqueti, este filme ganhou os prêmios de melhor roteiro e júri popular do Festival de Cinema Vitória Cine Vídeo.

Mônica Boiteux: *Fale um pouco do filme “Eu sou Buck Jones”. Do que trata a história e como foi para você fazer esse trabalho?*

Glecy Coutinho: Essa história se passou há muito tempo, nos anos 1940, quando eu era criança. Em João Neiva não tinha água encanada e ele carregava água para nós. Sempre tinha na capanga, gibis de Buck Jones, “Aí Mocinho”. Ia sempre às quartas ao cinema, no seriado de Buck Jones. Sempre falava sobre os filmes e a guerra. Toda vez que ia carregar água, conversava comigo, contando histórias de filmes e dos gibis, até que a mamãe o demitiu. Passado algum tempo, o irmão dele foi achado morto no mato. Eram tempos de ditadura, um sargento ditava a lei no local. Ele foi acusado de matá-lo. Foi preso em Pau Gigante, hoje Ibirapu, e lá morreu do modo que está no filme. Marcelino morreu de tanto bater a cabeça nas grades dizendo: “Mané (seu irmão que morreu), entra e sai dessas grades a toda hora, e eu que sou Buck Jones não posso sair”.

Eu fiz a história. O nome verdadeiro dele era Agostinho. Realizar o filme foi prazeroso, com muitos atores e equipe técnica, todos amigos. Minha amiga Margarete Taqueti foi quem me animou, disse que era uma boa história, tudo ia dar certo. E assim, fizemos... Tivemos apoio incondicional da Vale do Rio Doce, que parou a via permanente, levou a locomotiva para a Estação Pedro Nolasco e nos deu dois dias de refeições, além das instalações a nossa disposição. Tivemos apoio também da prefeitura de Domingos Martins, na pessoa de Diomedes Caliman, Secretária de Turismo do município, que nos deu todo o apoio. A primeira parte do filme se passa em Vale da Estação, em Domingos Martins. A segunda parte na Vale do Rio Doce, em São Torquato.

Mônica Boiteux: *Você participou da criação do Centro Cultural Carmélia Maria de Souza? O que acha sobre a notícia de que o espaço será transformado em depósito para sacas de café?*

Glecy Coutinho: É uma indignidade transformar um Centro Cultural em depósito de café. O Carmélia M.



Acervo pessoal.

de Souza era a menina dos olhos do governador Gerson Camata. Foi dele a ideia de usar o espaço para um centro cultural e chamou de Departamento Estadual de Cultura (DEC). O projeto é do arquiteto José Daher Filho, um excelente profissional, na época responsável pelo setor de Patrimônio Histórico e Cultural do DEC. O governador, sempre acompanhando o projeto, levou lá Bibi Ferreira, o secretário de cultura de São Paulo, Jorge Cunha Lima, que esteve aqui palestrando durante a “Feira do Livro” e tantos outros e outras que aqui vieram, sempre por motivos culturais. A inauguração, em 1986, acho que foi em setembro ou outubro.

Apresentamos o filme “Ilha das Flores”, dos jovens cineastas gaúchos que aqui estavam para a inauguração. Inauguramos o museu do café e a exposição de arte. Quando penso em como o Carmélia está, me sinto muito infeliz. Hoje soube que a prefei-

tura vai tombar o Carmélia. Nesses ásperos tempos não sei se devo rir ou chorar.

Mônica Boiteux: *O que você gostaria de destacar em sua trajetória de vida e profissional?*

Glecy Coutinho: O fato de quando me descobri viúva, eu ter conseguido trocar o medo por coragem e ter enfrentado a vida e a minha trajetória de jornalista.

Mônica Boiteux: *Como era a cena cultural de Vitória? O que acha da cena de agora?*

Glecy Coutinho: A cena de Vitória era de efervescência cultural, vivemos o final da ditadura, a chegada dos exilados e a música e as artes refletiam tudo que estava acontecendo no país. Havia uma grande interação entre as artes. Vitória era uma praça cultural muito disputada, havia uma grande circulação de artistas do Rio de Janeiro e São Paulo, que participavam de shows, júris de festivais e peças de teatro, como Beth Faria e Glauce Rocha.

Importante considerar que existiam em Vitória quatro jornais diários. Os cadernos de cultura eram valorizados. Eles refletiam a vida cultural do Estado. Tiveram as “Diretas Já”, a redemocratização! Hoje a cultura é associada a perigo e mais... subjugada às instituições. Elas se tornaram antidemocráticas o que, infelizmente, está determinando os rumos do Estado. Assim, a cultura vê-se limitada, ameaçada sempre e sob uma ameaça velada da censura. Enfim, um retrocesso!

Vale ainda considerar que em Vitória tínhamos seis cinemas funcionando regularmente, além dos cineclubes.

Mônica Boiteux: *Quais seus projetos futuros?*

Glecy Coutinho: Tenho hoje 86 anos e continuo envolvida com projetos culturais. Tenho um livro e um roteiro aguardando recursos. A situação na qual a pandemia nos inseriu, limitou o processo de busca de patrocínios. O trabalho literário referido recebeu o título de “Memórias que revelam Histórias – as guerras que ouvi, vi e vivi”, o roteiro ainda está sem

nome. Se o tempo permitir, pretendo escrever um livro sobre meu tempo de internato, na Escola Normal Maria Mattos, em Anchieta, nos anos 1940 e 1950; correr atrás de minhas crônicas em A Gazeta e continuar escrevendo, lendo enquanto puder!



Acervo pessoal.